

# sonho de cetim

loretta chase

Tradução de Patrícia Xavier

## PRÓLOGO

VEJAM O SEU AR FERROZ, de galo pronto a lutar; o cabelo encaracolado, preto como carvão; a expressão aristocrática (para não dizer arrogante), que nunca lhe abandona o rosto, esteja ele a sorrir a uma bela senhora ou a franzir o sobrolho para um credor servil.

*The Court Magazine*, «Retratos da Vida Real», 1835

*Londres*

*Quinta-feira, madrugada do dia 21 de maio de 1835*

**A**s cortesãs sabiam organizar festas. Nas noites de quarta-feira, depois de dançarem ou jogarem às cartas com a nata da sociedade no Almack's, o grupinho rebelde londrino ia ao encontro de companhia bem diferente na casa de Carlotta O'Neill. Ali tinham à disposição uma mesa de roleta, para além de outros jogos de azar, bem como jogos mais apimentados com as mulheres mundanas que eram como que damas de companhia da rainha das cortesãs de Londres.

Harry Fairfax, conde de Longmore, também lá se encontrava, naturalmente.

A casa de Carlotta não era o tipo de lugar onde o pai de Harry, o marquês de Warford, gostaria de ver o seu filho e herdeiro de vinte e sete anos, mas satisfazer os desejos dos seus pais, como Longmore há muito percebera, era o caminho certo para morrer de tédio.

Harry em nada se parecia com os pais. herdara do seu tio-avô lorde Nicholas Fairfax não apenas a aparência de pirata — cabelo preto, olhos pretos, e uma compleição alta e musculosa de flibusteiro —, mas também o talento do tio-avô Nicholas para Fazer Aquilo Que Não Devia.

E era por isso que lorde Longmore se encontrava na casa de Carlotta. E a cortesã estava inclinada sobre ele, emanando ondas de perfume. E falava, infelizmente.

— Mas é amigo íntimo deles — dizia Carlotta. — Tem de me contar como a nova duquesa de Clevedon é realmente.

— É morena — retorquiu Longmore, vendo a roleta girar. — Bonita. Diz que é inglesa mas parece francesa.

— Meu caro, isso podia eu descobrir lendo o *Spectacle*.

O *Foxe's Morning Spectacle* era o principal jornal de mexericos de Londres. O marquês de Warford, com os seus princípios elevados, chamava-lhe «publicação repulsiva», mas ainda assim lia-o, como toda a gente, tanto alcoviteiras e proxenetas como os membros da família real. Cada pormenor publicado no *Spectacle* a respeito da esposa do duque de Clevedon era, como Longmore bem sabia, astuciosamente redigido pela irmã loura da duquesa, Sophia Noirot, pérfida modista de dia e principal espia de Tom Foxe à noite.

Longmore perguntava-se onde estaria ela nessa noite. Não a vira no Almack's. As modistas — especialmente as ligeiramente francesas — tinham tantas hipóteses de ser convidadas para o Almack's como ele de se fazer invisível. Mas Sophia Noirot tinha a sua arte de invisibilidade, e era capaz de introduzir o seu belo corpo onde bem entendesse, disfarçando-se de criada. Era dessa forma que arranjava tanta matéria sórdida para o jornal de escândalos de Foxe.

A roleta parou de girar, um dos jogadores praguejou e a rapariga que fazia de *croupier* empurrou uma pilha de fichas na direção de Longmore.

Ele apanhou as fichas e entregou-as a Carlotta.

— São os seus ganhos? — perguntou Carlotta. — Quer que os mantenha a salvo, longe dos seus bolsos?

Ele riu-se.

— Sim, minha cara, mantenha-os a salvo. Compre uma bugiganga para si, ou outra coisa do género.

Minutos antes, quando as visões de Sophia Noirot ainda não se tinham intrometido nos seus pensamentos, Longmore assumira o mesmo que Carlotta: que em breve desapareceriam ambos no quarto da cortesã. Carlotta era protegida pelo lorde Gorrell, um homem que, embora suficientemente rico, não era animado o bastante para a manter entretida.

Dependendo de uma renda e do que ganhava ao jogo, Longmore

não tinha, provavelmente, dinheiro que chegasse para ela. No entanto, embora não duvidasse de que possuía o vigor e a criatividade necessários para manter Carlotta interessada, ocorria-lhe agora que ela dificilmente conseguiria despertar-lhe interesse por mais de cinco minutos. Mesmo segundo os seus padrões irresponsáveis, tal não justificava um investimento financeiro avultado e o subsequente tédio de ouvir o pai por causa dos seus gastos excessivos.

Por outras palavras, Longmore já estava farto de Carlotta.

Pouco depois de ter abandonado os seus ganhos, despediu-se, saindo na companhia de dois dos seus amigos e de duas damas de companhia de Carlotta. Chamaram uma carruagem e, após uma breve troca de impressões, decidiram ir para uma casa de jogo de péssima reputação, no bairro de St. James. Aí, Longmore podia contar com uma rixa.

Entediado com a conversa dentro da carruagem, pôs-se a olhar para a rua pela janela. O Sol nascia cedo, naquela altura do ano, e apesar da sujidade do vidro, conseguia-se ver bem o exterior. Uma mulher mal vestida e com um cesto velho na mão caminhava apressadamente pela rua. O seu passo rápido e as suas roupas, assim como o cesto, deixavam claro que não se tratava de uma das muitas prostitutas de Londres, mas de uma mulher comum que se dirigia para o trabalho, à mesma hora a que a alta sociedade saía das festas para regressar a casa.

A mulher caminhava depressa, mas não o suficiente. Uma figura saiu abruptamente de uma ruela, arrancou-lhe o cesto e atirou-a ao chão.

Longmore pôs-se de pé, baixou o vidro, abriu a porta e saltou da carruagem em andamento, ignorando os guinchos e gritos dos seus companheiros. Depois de alguns tropeções, recuperou o equilíbrio e correu atrás do ladrão. A sua presa era rápida, disparando ora numa direção ora noutra. A uma hora mais movimentada do dia, teria despistado qualquer perseguidor. Mas era de madrugada, pelo que Longmore tinha o caminho praticamente livre. Não pensava, limitando-se a correr, numa fúria cega. Quando o ladrão virou para um pátio estreito, Longmore não pensou em perigo ou numa possível emboscada — não que lhe importasse, se tivesse pensado nisso.

O indivíduo dirigiu-se para uma porta que se abria, estando os habitantes da casa, sem dúvida, à sua espera. Longmore alcançou-o antes de ele lá chegar. Agarrou o ladrão e arrastou-o para trás. A porta fechou-se com um estrondo. O homem caiu instantaneamente, largando o cesto. Embora

não pudesse estar muito magoado (os malfeitores não se abalavam com tão pouco), deixou-se ficar onde estava, de olhos fechados.

— No seu lugar, não teria pressa em levantar-me — disse Longmore. — Covarde imundo. A atacar *mulheres*. — Pegou no cesto e olhou em redor. Com alguma sorte, viriam cúmplices perigosos em socorro do ladrão. Mas Longmore não teve essa sorte; embora soubesse que estava a ser observado, o lugar estava tranquilo. Caminhou calmamente para Piccadilly.

Encontrou a rapariga passados minutos. Estava encostada a uma montra, a chorar.

— Não vale a pena chorar — disse-lhe. — Aqui tem o seu precioso cesto. — Tirou algumas moedas do bolso e passou-as, juntamente com o cesto, para as mãos da rapariga. — Onde é que tinha a cabeça, para andar assim à pressa, sem olhar em volta?

— O t-trabalho... — disse ela. — Tinha de chegar a horas ao trabalho... vossa senhoria.

Longmore não lhe perguntou como sabia da sua condição.

Toda a gente conhecia o conde de Longmore.

— Ladrões e aristocratas bêbedos a andar pela rua, e a menina sem uma arma — disse ele. — Que se passa com as mulheres, hoje em dia?

— N-Não sei.

A rapariga tremia como varas verdes. Estava magoada e suja, por ter caído ao chão. Era uma sorte nenhum dos bêbedos que cambaleavam pelas ruas, de regresso a casa, ter tropeçado nela.

— Venha comigo — disse o conde.

Quer estivesse demasiado abalada para pensar ou simplesmente intimidada (Longmore causava muitas vezes esse efeito sobre as pessoas, mesmo sobre os seus pares), a rapariga seguiu-o até à carruagem, parada do outro lado da rua. Os amigos do conde podiam ter seguido caminho, dado o seu estado de embriaguez, mas tinham parado para não perderem o espetáculo.

— Todos cá para fora — ordenou Longmore.

Protestaram, mas saíram do veículo, olhando para a rapariga mal vestida.

— Não faz o teu tipo, Longmore — disse Hempton.

Crawford abanou a cabeça.

— Os teus padrões estão a decair, lamento dizê-lo.

Longmore ignorou-os.

— Para onde ia? — perguntou à rapariga.

Ela fitou-o, depois olhou para os seus amigos e, por fim, para as prostitutas.

— Não se importe com eles — disse Longmore. — Ninguém está interessado nos seus afazeres. Só queremos chegar à festa seguinte. Aonde quer que o condutor a leve?

Ela engoliu em seco.

— Por favor, vossa senhoria, eu estava a caminho da Sociedade das Modistas para a Educação de Mulheres Indigentes — disse a rapariga.

— Há muitas — disse Crawford.

— Trabalho lá — continuou a rapariga. — Vou chegar atrasada.

Deu a morada a Longmore, que a transmitiu ao condutor, com a ordem expressa de levar a rapariga ao seu destino em metade do tempo habitual; caso contrário, iria atrás dele e dar-lhe-ia motivos para andar devagar.

Ajudou a rapariga a subir para a carruagem, bateu a porta e fez sinal ao condutor para que partisse.

Ficou a pensar em modistas.

Numa modista, em particular, uma modista loura.

Tendo deixado os seus companheiros à espera de outra carruagem, seguiu caminho a pé, sozinho, percorrendo a curta distância até St. James's Street. Para chegar ao Crockford's, tinha de passar pelo White's Club e, um pouco mais abaixo, pela Maison Noiro, a loja das modistas francesas.

Passou à porta da loja, caminhando lentamente. Depois deteve-se e olhou para trás, para os andares de cima, onde, por razões que lhe escapavam, duas das irmãs Noiro, viviam ainda.

Seguiu caminho até ao Crockford's, onde a perda de avultadas somas o manteve interessado durante algum tempo, até começar a ganhar um bom dinheiro.

Quando, ao fim de cerca de uma hora de crescente tédio, saiu do Crockford's, era ainda muito cedo, segundo os parâmetros da alta sociedade. No entanto, Londres despertava. Transeuntes subiam e desciam St. James's Street: alguns veículos, mas sobretudo peões. As lojas ainda não estavam abertas.

A Maison Noiro, como ele bem sabia, só abriria as portas às dez horas, embora as costureiras (hoje em dia, numerosas) entrassem todas às nove.

Ao longo das semanas anteriores, Longmore adquirira uma vaga noção dos hábitos de Sophia Noiro.

Ficou à espera.



## Capítulo Um

NA SEMANA PASSADA, TODA a sociedade elegante ficou em grande agitação, em virtude da fuga da filha de *sir* Colquhoun Grant para casar com o senhor Brinsley Sheridan... Na tarde de sexta-feira, cerca das cinco horas, o jovem casal pediu emprestada a carruagem de um amigo e... partiu a toda a velocidade para o Norte.

*The Court Journal*, sábado, 23 de maio de 1835

Londres

Quinta-feira, 21 de maio de 1835

**A** cenando com um exemplar do *Foxe's Morning Spectacle*, Sophy Noirot irrompeu pela sala do pequeno-almoço de Clevedon House, onde, como seria de esperar, o duque e a duquesa de Clevedon estavam a tomar o pequeno-almoço.

— Viram isto? — perguntou, atirando o jornal para cima da mesa, entre a sua irmã e o seu novo cunhado. — A sociedade está em alvoroço... e não é hilariante? Estão a culpar as três irmãs do Sheridan. Três irmãs com conspirações perversas... e não somos *nós*! Oh, minha querida, quando li isto, achei que ia morrer de tanto rir.

Certos membros da sociedade tinham, por mais de uma vez, nos dias anteriores, comparado as três proprietárias da Maison Noirot (que Sophia havia de tornar a loja mais famosa de Londres, nem que isso lhe custasse a vida) às três bruxas de *Macbeth*. Pois se não tivessem enfeitado o duque de Clevedon, diziam os rumores, ele nunca teria casado com uma *comerciante*.

As cabeças morenas de suas senhorias inclinaram-se sobre o jornal, cuja tinta ainda mal secara.

Os rumores sobre a fuga Sheridan-Grant já circulavam entre a alta



sociedade, mas o *Spectacle*, como habitualmente, era o primeiro jornal a pôr a confirmação por escrito.

Marcelline levantou os olhos.

— Dizem que o pai da menina Grant vai mover um processo contra o Sheridan — observou. — Que emocionante.

Nesse momento, um criado entrou na sala.

— Lorde Longmore, vossa senhoria.

*Raios, agora não*, pensou Sophy. A sua irmã já tinha causado agitação suficiente na sociedade, fizera uma inimiga de uma das mulheres mais poderosas do meio (que, por acaso, era mãe de Longmore), estavam a perder imensas clientes e Sophy não fazia ideia de como reparar os danos.

E agora *ele*.

O conde de Longmore entrou calmamente na sala, jornal debaixo do braço.

A pulsação de Sophy acelerou. Ela nada podia fazer.

Cabelo preto e olhos pretos brilhantes... o nariz aristocrático, que já devia ter sido partido uma dúzia de vezes e que, no entanto, se mantinha teimosamente direito e arrogante... a boca dura, cínica... mais de metro e oitenta de altura.

Um pedaço de homem.

Se pelo menos tivesse um cérebro.

Não, era melhor assim. Em primeiro lugar, um cérebro era algo inconveniente num homem. Segundo, e bem mais importante, Sophy não tinha tempo para ele nem para homem nenhum. Tinha uma loja para salvar da Perdição Iminente.

— Trago-vos o último *Spectacle* — disse Longmore ao casal sentado à mesa. — Mas vejo que não fui rápido o bastante.

— A Sophy também o trouxe — disse Marcelline.

O olhar escuro de Longmore pousou em Sophy. Ela anuiu-lhe descontraidamente e foi até ao aparador. Espreitou os tabuleiros aquecidos e concentrou-se em servir o seu prato.

— Menina Noirot — disse o conde. — Vejo que acordou cedo. Não estive no Almack's, na noite passada.

— Claro que não — replicou Sophy. — A Santa Inquisição não conseguiu obrigar as patronas a darem-me um convite.

— E desde quando precisa de convites? Fiquei mesmo desapontado.

Estava ansioso por ver que disfarce ia utilizar. Até agora, o meu preferido é o da criada de Lancashire.

Era também o favorito de Sophy.

Contudo, as suas intrusões nas festas da alta sociedade, com vista a inteirar-se de mexericos para Foxe publicar, deviam ser um segredo obscuro. Ninguém reparava nas criadas; além disso, Sophy era uma Noirot, tão apta a tornar-se invisível como a chamar as atenções.

Mas *ele* reparava.

Devia ter desenvolvido poderes invulgarmente apurados de visão e audição, para compensar aquele cérebro minúsculo.

Sophy levou o seu prato para a mesa e sentou-se ao lado da irmã.

— Sinto-me destroçada por lhe ter estragado o divertimento — disse a Longmore.

— Não se preocupe — respondeu ele. — Arranjei com que me entreter mais tarde.

— É o que parece — disse Clevedon, inspecionando o amigo. — Deve ter sido uma bela festa. Como não costumas estar acordado a estas horas, posso apenas deduzir que passaste por aqui a caminho de casa.

Como a maioria dos aristocratas, lorde Longmore raramente se levantava antes do meio-dia. O seu cabelo preto em desalinho, o laço desfeito e o casaco, o colete e as calças amarrotados indicavam a Sophy que ele ainda não se deitara (não na cama dele, em todo o caso).

A imaginação dela compôs imediatamente imagens daquele grande corpo nu entre lençóis enrodilhados. Nunca o vira nu, e ainda bem; mas para além de uma imaginação prodigiosa, Sophy já vira estátuas, desenhos e, anos antes, os atributos de alguns parisienses gabarolas.

Afastou a ideia com firmeza.

Um dia, casaria com um homem respeitável que não interferisse com o seu trabalho.

Longmore não só estava longe de ser respeitável, como era um idiota que se metia constantemente na vida dos outros — e que, ainda por cima, era o filho mais velho de uma mulher que queria varrer as irmãs Noirot da face da Terra.

Só uma imbecil com tendências autodestrutivas se envolveria com ele.

Sophy atentou na sua roupa. No que tocava ao corte, não havia nada a apontar; as peças delineavam na perfeição cada centímetro musculoso

do peito e dos ombros largos, da cintura esguia e das ancas estreitas, das pernas fortes...

Sophy voltou a afastar o pensamento, lembrando a si mesma que as roupas eram a sua vida, e que devia observar o vestuário do conde de modo objetivo, como um profissional que avalia o trabalho de outro.

Sabia que Longmore começava as suas noites com uma aparência elegante. O seu criado, Olney, certificava-se de que assim era. Mas Longmore nem sempre se comportava com elegância, e Olney não podia controlar o que ele fazia depois de sair de casa.

A avaliar pelo seu aspeto, muita coisa acontecera desde que o conde saíra de casa, na véspera.

— Sempre foste o gigante intelectual da família — disse Longmore ao duque. — Deduziste corretamente. Passei pelo Crockford's. E por outro lugar. Precisava de alguma coisa que me apagasse a memória daquelas horas terríveis no Almack's.

— Odeias ir ao Almack's — disse Clevedon. — Não podemos deixar de supor que foi uma mulher que te atraiu àquele lugar.

— A minha irmã — disse Longmore. — É uma idiota, no que toca a homens. Os meus pais não param de se queixar. Até eu vejo a desgraça que são os seus pretendentes. Uma cambada de libertinos e falidos. Para os desencorajar, mantenho-me por perto da Clara e faço ares ameaçadores.

Sophy podia facilmente imaginá-lo. Ninguém conseguia parecer tão ameaçador como Longmore, observando o mundo de cima com olhos semicerrados, como uma grande ave de rapina.

— Qua atitude tão invulgarmente fraterna — disse Clevedon.

— Aquele imbecil do Adderley estava a tentar pedi-la em casamento. — Longmore serviu-se de café e sentou-se ao lado de Clevedon, em frente de Marcelline. — A Clara acha-o encantador. Eu acho que ele está encantado com o dote dela.

— Correm rumores de que ele se está a atolar em dívidas — disse Clevedon.

— Não gosto daquele sorriso afetado — declarou Longmore. — E nem acredito que ele goste realmente da Clara. Os meus pais odeiam-no por uma dúzia de razões. — Apontou o jornal com a chávena de café. — Vão ficar ainda mais inquietos, depois deste golpe do Sheridan. De

qualquer modo, vem mesmo a calhar para vocês. Uma excelente maneira de desviarem a atenção das vossas emocionantes núpcias.

O seu olhar deslizou preguiçosamente para Sophy.

— Não podia ter acontecido em melhor altura. Imagino que não tenha tido nada a ver com isto, menina Noirot...?

— Se tivesse sido obra minha, estaria a exigir uma garrafa do melhor champanhe do duque e a brindar a mim própria — disse Sophy. — Quem me dera ter arquitetado algo tão *perfeito*.

Embora as três irmãs fossem modistas igualmente talentosas, cada uma delas tinha as suas competências especiais. A morena Marcelline, a mais velha das três, era uma designer e uma artista dotada. A ruiva Leonie, a mais nova, era o génio das finanças. Sophy, a loura, encarregava-se da parte comercial. Conseguia amaciar corações empedernidos e arrancar avultadas somas aos maiores sovinas. Conseguia levar as pessoas a acreditarem que o preto era branco. As suas irmãs costumavam dizer que Sophy era capaz de vender areia a beduínos.

Se tivesse conseguido fabricar um escândalo que chamasse a atenção daquela sociedade fútil, desviando-a de Marcelline para outra pessoa, Sophy tê-lo-ia feito. Embora adorasse a irmã e estivesse feliz por a ver casada com um homem que a amava de verdade, Sophy ainda estava abalada com todas aquelas mudanças no seu mundo, que sempre girara em torno da pequena família Noirot e do seu negócio. Não estava certa de que Marcelline e Clevedon compreendessem realmente as dificuldades que o seu casamento criara para a Maison Noirot, ou que se apercebessem de que a loja estava em perigo.

Mas, afinal, eram recém-casados, e o amor parecia atordoar a mente das pessoas, mais ainda do que o desejo. De momento, Sophy não era capaz de perturbar a felicidade do casal partilhando as preocupações que a afligiam, a si e a Leonie.

Clevedon e Marcelline entreolharam-se.

— Que te parece? — perguntou ele. — Queres aproveitar a diversão e voltar ao trabalho?

— Tenho de voltar ao trabalho, com ou sem diversão — disse Marcelline. Olhou para a irmã. — Vamos a uma partida apressada, *ma chère soeur*. As tias não tardam a vir tomar o pequeno-almoço.

— As tias — disse Longmore. — Ainda estão por cá?

Clevedon House era suficientemente grande para acomodar

confortavelmente várias famílias. Quando vinham a Londres para visitas demasiado breves para justificar a abertura das suas casas na cidade, as tias não ficavam hospedadas em hotéis, mas na ala norte de Clevedon House.

Desta vez tinham vindo por causa do casamento.

Inicialmente, Marcelline e Clevedon tinham planeado casar no dia a seguir a ele a ter convencido (ou seduzido) a aceitar o seu pedido. Mas as cabeças frias de Sophy e Leonie tinham prevalecido.

O casamento, argumentaram, iria causar uma tremenda indignação, muito possivelmente fatal para o negócio. Mas se alguns dos parentes de Clevedon assistissem à cerimónia, fazendo prova da sua aceitação da noiva, o ultraje seria atenuado.

E por isso Clevedon convidara as suas tias, que tinham vindo juntas para impedir aquela escandalosa união. No entanto, nenhuma senhora nobre, nem sequer a rainha, estava à altura das três irmãs Noirot e da sua arma secreta, a filha de seis anos de Marcelline, Lucie Cordelia. As tias tinham-se rendido numa questão de horas.

Agora estavam a tentar arranjar maneira de tornar Marcelline respeitável. Acreditavam realmente que podiam apresentá-la à rainha.

Sophy não estava convencida de que tal pudesse beneficiar a Maison Noirot. Pelo contrário, parecia-lhe que iria apenas alimentar as chamas do ódio de *lady Warford*.

— Ainda cá estão — disse Clevedon. — Parecem sem vontade de se ir embora.

Marcelline levantou-se e os outros imitaram-na.

— É melhor eu sair antes de elas descerem — disse. — Não estão nada satisfeitas com a minha decisão de continuar a trabalhar.

— O que significa que há muitos mais mexericos do que gostaria que houvesse — disse Longmore. — Como a compreendo. — Sorriu com ironia e fez-lhe uma vénia.

Era um homem corpulento e capaz de dominar uma sala. Apesar da sua aparência descuidada, e da má reputação que o acompanhava, curvava-se com a elegância de um dândi.

Era irritante da sua parte estar tão à vontade e ter uma tal graciosidade naquele seu grande corpo de arruaceiro. Era realmente irritante o modo como emanava virilidade.

Sophy era uma Noirot, uma raça especialmente sensível à excitação carnal, e sem grandes princípios morais.

Se Longmore alguma vez descobrisse esta sua fraqueza, Sophy estaria perdida.

Fez uma ligeira mesura e segurou o braço da irmã.

— Sim, bem, é melhor irmos andando. Prometi à Leonie que não me demorava mais de meia hora.

Apressou a irmã e saíram da sala.

**L**ongmore viu-as partir. Na verdade, observava Sophy, uma atraente combinação de energia e manha.

— A loja — disse para Clevedon, quando elas já não os podiam ouvir. — Não quero faltar ao respeito à tua duquesa, mas... elas estão loucas?

— Isso depende do ponto de vista — respondeu Clevedon.

— Ao que parece, não sou desequilibrado o suficiente para perceber isto — disse Longmore. — Podiam fechar a loja e viver aqui. Não se pode dizer que tenhas falta de espaço. Ou de dinheiro. Porque hão de elas querer continuar a curvarem-se e a trabalharem para outras mulheres?

— Por paixão — disse Clevedon. — O trabalho é a sua paixão.

Longmore não sabia ao certo o que era paixão. Tinha quase a certeza de que nunca experimentara tal coisa.

Nem sequer tinha uma paixoneta desde os seus dezoito anos.

Uma vez que Clevedon, que era o seu amigo mais próximo, devia sabê-lo, Longmore nada disse. Limitou-se a abanar a cabeça e foi até ao aparador. Encheu o prato com ovos, grandes fatias de bacon e pão, e acrescentou um grande pedaço de manteiga, para ajudar o resto a descer. Levou o prato para a mesa e começou a comer.

Sempre se sentira em Clevedon House como na sua própria casa, e tinham-lhe dito que não devia alterar os seus hábitos. A duquesa parecia gostar bastante dele. Já a sua irmã loura, pelo contrário, seria capaz de lhe dar um tiro, Longmore tinha a certeza... o que a tornava muito mais interessante e divertida.

Por isso a aguardara e mantivera-se à sua espera. Por isso a seguira desde a Maison Noirost até Charing Cross. Vira-a de jornal na mão e deduzira o que se passava.

Por algum truque de impressão (um pacto com o diabo, provavelmente), o *Foxe's Morning Spectacle* saía para as ruas de Londres e para as

mãos sujas dos vendedores não só bastante antes dos seus concorrentes, mas munido de escândalos mais frescos. Embora grande parte do entretenimento do *beau monde* só começasse por volta das onze da noite e não terminasse antes da alvorada, Foxe conseguia encher as páginas do seu excitante jornal com relatos pormenorizados do que acontecera apenas horas antes.

Era um feito digno de nota, mesmo tendo em conta que «manhã», especialmente entre as classes mais altas, era uma unidade de tempo flexível, que se estendia até bem depois do meio-dia.

Querendo saber o que a levava a Clevedon House àquela hora da manhã, Longmore comprara um exemplar ao rapazinho que vendia jornais na esquina seguinte e demorara-se algum tempo a percorrer as páginas. Já familiarizado com a escrita de Sophy, sabia que não era algo para ler de estômago vazio. Ainda assim, lera. Embora não visse como pudera ela ter metido o dedo no escândalo Sheridan, tal não era nada de novo. Havia muito de intrigante a respeito de Sophy, a começar pelo seu modo de andar. Ela tinha a postura de uma senhora de alta condição, de uma mulher da aristocracia, no entanto, o mover das suas ancas prometia algo sedutoramente diferente.

— Casei com a Marcelline sabendo que ela nunca abdicaria do seu trabalho — dizia Clevedon. — Se o fizesse, seria como todas as outras pessoas. Não seria a mulher que eu amo.

— Amor — disse Longmore. — Uma má ideia.

Clevedon sorriu.

— Um dia, o Amor há de aparecer na tua vida e fazer-te cair de quatro — disse ao amigo. — E eu hei de fartar-me de rir, de te ver.

— O Amor vai ter uma tarefa difícil — retorquiu Longmore. — Não sou como tu. Não sou *sensível*. Se o Amor quiser apanhar-me, não só vai ter de me fazer cair de quatro, como terá de me amarrar e de desfazer aquilo que alguns, no seu otimismo, chamam de cérebro.

— Muito possivelmente — disse Clevedon. — O que só tornará tudo muito mais divertido.

— Vais ter de esperar. Por enquanto, a vida amorosa da Clara é o meu único problema.

— Imagino que em casa as coisas não estejam fáceis para nenhum de vocês, desde o casamento — disse Clevedon.

O duque sabia do que falava. Lorde Warford fora o seu tutor.

Clevedon e Longmore tinham crescido juntos. Eram mais irmãos do que propriamente amigos. E Clevedon sempre demonstrara um profundo afeto por Clara, desde que ela era criança. Pareciam destinados a casarem. Até que o duque conhecera a modista, e Clara mostrara-se aliviada por se livrar do casamento, para choque dos seus pais, irmãos e irmãs, já para não falar da alta sociedade.

— O meu pai conformou-se — disse Longmore. — A minha mãe, não.

Dizer que a mãe não estava conformada era um eufemismo.

*Lady Warford* estava fora de si. A mínima referência ao duque ou à sua mulher fazia-a gritar. Discutia incessantemente com Clara, enlouquecendo-a, e muitas vezes arrastava Longmore para a discussão. Quase todos os dias o conde recebia uma mensagem da irmã, pedindo-lhe que fosse lá a casa e que Fizesse Alguma Coisa.

Longmore e Clara tinham assistido ao casamento de Clevedon, dando, na verdade, a sua bênção àquela união. Este facto, prontamente atestado pelo *Spectacle*, convertera Warford House num campo de batalha.

— Percebo perfeitamente que a Clara me tenha rejeitado — disse Clevedon.

— Não podias deixar de perceber — replicou Longmore. — Ela explicou-to pormenorizadamente, alto e bom som, diante de metade da aristocracia londrina.

— O que não percebo é que ela não mande o Adderley passear — concluiu Clevedon.

— É alto, louro, com ares poéticos — disse Longmore. — Sabe falar com as mulheres. Os homens veem-no tal como ele é. As mulheres, não.

— Não faço ideia do que se passa na cabeça da Clara — declarou Clevedon. — Mas a minha mulher e as suas irmãs vão querer chegar ao fundo da questão. Têm de compreender as suas clientes, e a Clara é especial. É a sua melhor cliente e a que mais favorece as criações da Marcelline. Não vão querer que ela case com um homem sem dinheiro.

— Ah, elas também tratam de casamentos? Bem, pode ser que lhe arranjem alguém como deve ser e que me poupem a estas noites terríveis no Almack's.

— Deixa isso com a Sophy — disse Clevedon. — É ela que vai às festas. Sabe o que se passa, melhor que ninguém.

— Incluindo aquilo que as pessoas preferiam que ela não soubesse.



— Tem um excelente olho para os pormenores — insistiu Clevedon.

— E uma caneta muito atarefada — retorquiu Longmore. — É fácil reconhecer o seu trabalho no *Spectacle*. Uma torrente de palavras sobre fitas, laços e rendas, pregas aqui e folhos ali. Não há fio que passe despercebido.

— Também está atenta a gestos e olhares — continuou Clevedon. — Ouve as conversas. Ninguém escreve como ela.

— Disso não duvido — disse Longmore. — Não há adjetivo nem advérbio que não lhe sirva.

O duque sorriu.

— É isso que traz clientes: a combinação de mexericos e pormenores intrincados sobre os vestidos, tudo contado num estilo dramático. Dizem que causa às mulheres o mesmo efeito que olhar para mulheres nuas tem nos homens. — Bateu com um dedo no jornal. — Vou pedir à Sophy que fique com a Clara debaixo de olho. Estando tu e ela de vigia, devem conseguir manter a tua irmã longe de sarilhos.

Longmore não tinha objeções a qualquer atividade que envolvesse Sophy Noiroi.

Pelo contrário, tinha toda uma série de atividades em mente, e aliar-se a ela para vigiarem a sua irmã seria um belo pretexto para a ter ao alcance da mão... ou de outras partes do corpo, se tivesse sorte.

— Não me ocorre ninguém melhor para a tarefa — apressou-se Longmore a dizer. — A menina Noiroi não deixa escapar nada.

Na sua mente, ela era apenas *Sophy*. Mas ela nunca lhe dera permissão para a tratar pelo nome que toda a sua família usava. E assim, mesmo com Clevedon, as boas maneiras ditavam que Longmore usasse o tratamento formal para as senhoras solteiras de uma família.

— Contigo e com a Sophy atentos, os patifes e os falidos não terão hipótese — disse Clevedon. — Nem o próprio Argus faria melhor.

Longmore vasculhou o seu cérebro.

— O cão, queres dizer?

— O gigante com olhos a mais — disse Clevedon. — «E vigia-a, grande e forte Argus, que com quatro olhos vê em todas as direções» — citou. — «E a deusa concedeu-lhe uma força inesgotável: o sono nunca tomava os seus olhos, mas ele nunca podia abandonar a vigília.»

— Isso parece-me algo excessivo — disse Longmore. — Mas sempre foste um romântico.

*Uma semana mais tarde*

— **W**arford, como foste *capaz*?  
— Minha querida, sabes que não posso dar ordens a sua majestade...

— Não pode ser! Aquela criatura com quem ele casou... apresentada à *corte*... na Receção do Aniversário Real! Como se fosse visita da realeza!

Longmore estava encurralado numa carruagem com a sua mãe, o seu pai e Clara, saindo do Palácio de St. James. Embora as festas da corte o matassem de tédio, estivera presente na receção, na esperança de lá encontrar uma certa pessoa não convidada. Mas vira apenas a irmã de Sophy, a «criatura» que deixara a mãe com um ataque de mau humor. Depois, debatera-se entre escapular-se da festa ou procurar uma esposa ou viúva tão entediada quanto ele. O palácio estava bem fornecido de cantos sombrios, que convidavam a rápidas sessões de divertimento.

Não teve sorte com as mulheres. Aquele mar de penas e diamantes estava repleto de matronas devotas e de virgens. As virgens eram candidatas ao casamento, não a uns momentos divertidos num vão de escada.

— É estranho, concordo — dizia lorde Warford, cheio de tato. Embora já tivesse desistido de se sentir ultrajado com o casamento de Clevedon, também já desistira de argumentar com a sua mulher.

— A mim, não me pareceu estranho — disse Longmore.

— Ora essa! — guinchou a mãe. — Ora essa! *Ninguém* é apresentado na Receção do Aniversário Real.

— A não ser dignitários estrangeiros — corrigiu lorde Warford.

— Só o pedido para abrir uma exceção foi uma chocante infração das regras de etiqueta — disse *lady* Warford, oportunamente esquecida de que fizera o marido cometer uma chocante infração das regras de etiqueta ao pedir ao rei que não reconhecesse a duquesa de Clevedon.

Mas cabia ao marido, não ao filho, chamar a atenção para esse facto, e os muitos anos de casamento tinham ensinado lorde Warford a ser covarde.

— Nem posso acreditar que sua majestade, a rainha, tenha sido capaz de uma coisa destas, mesmo por *lady* Adelaide — prosseguia a mãe.

— Mas não tenho outro remédio senão acreditar — acrescentou, amargamente. — A rainha adora a tia mais nova do Clevedon. — Lançou um olhar furioso a Clara. — A *lady* Adelaide Ludley podia ter usado a sua influência em teu favor e em favor da tua família. Mas não, tinhas de ser a filha mais ingrata, mais desobediente que alguma vez existiu. Tinhas de abandonar o duque de Clevedon!

— Não o abandonei, mamã — disse Clara. — Não se pode abandonar alguém de quem não se está noivo.

Longmore já ouvira aquele argumento demasiadas vezes para suportar estar fechado numa carruagem a ouvi-lo de novo, a voz da mãe cada vez mais estridente, e a de Clara também a subir de tom. Em circunstâncias normais, mandaria parar a carruagem e sairia, deixando os outros entregues à discussão.

Clara sabia defender-se, ele sabia. O problema era que a fuga originaria apenas mais discussões e mais gritos e mais mensagens da irmã a chamá-lo a Warford House antes que ela cometesse matricídio.

Pensou com afinco e muito depressa, e disse:

— Parece-me claro que o fizeram por trás da cortina, por assim dizer, para não ferir os seus sentimentos, minha senhora.

Seguiu-se aquele silêncio de uma intensidade feroz que se instalava sempre que os pais tentavam perceber se ele poderia, contra todas as expectativas, ter dito algo que valesse a pena escutar.

— Com as tias e tudo mais, a rainha estava numa situação complicada — continuou Longmore. — Não podia humilhar toda a família do Clevedon, que era o que estaria a fazer, uma vez que as tias tinham aceiteado a sua noiva.

— A sua noiva — repetiu a mãe, com azedume. — A sua *noiva*. — Lançou a Clara o tipo de olhar que César devia ter lançado a Bruto quando a faca o lacerava.

— Assim, pelo menos, fizeram tudo discretamente — disse Longmore —, e não diante de toda a sociedade.

Enquanto a mãe analisava esta ideia na sua mente furiosa, a carruagem chegou a Warford House. O laçao abriu a porta e a família saiu, as senhoras sacudindo as suas saias ao pisarem o passeio.

Longmore não acrescentou mais nada e Clara também permaneceu em silêncio, mas lançou-lhe um olhar grato antes de entrar em casa, atrás da mãe.

O pai, contudo, parou no passeio.

— Não entras?

— Acho que não — disse Longmore. — Fiz o meu melhor. Tentei pôr água na fervura e tudo isso.

— Isto não acabou — disse o pai em voz baixa. — Para a tua mãe, pelo menos. Sonhos desfeitos e orgulho ferido e bom senso ultrajado e não sei que mais. Estás a ver como é. Não vamos ter paz nesta família enquanto a Clara não encontrar um substituto à altura do Clevedon. E isso não vai acontecer enquanto ela andar a encorajar aquele bando de falhados. — Sacudiu uma mão. — Raios, faz esses tipos desaparecerem, sim?

*Baile da condessa de Igby*

*Sábado, 30 de maio de 1835*

*Uma hora da madrugada*

Longmore procurava lorde Adderley havia já algum tempo. Tendo-se Lo fulano revelado demasiado estúpido para perceber meias-palavras, Longmore decidira que o melhor seria esmurrá-lo até ele compreender que devia manter-se longe de Clara.

O problema era que Sophy Noirost também estava na festa de *lady Igby*, e Longmore, ao contrário de Argos, possuía apenas o habitual par de olhos.

Acabara por se distrair, observando Sophy a andar de um lado para o outro, sem que ninguém desse pela sua presença, a não ser os imbecis do costume, que achavam que as criadas existiam para seu divertimento. Uma vez que a marcara como *seu* divertimento, Longmore preparara-se para intervir, mais de uma vez, apenas para descobrir que ela não precisava da ajuda de outros pretendentes.

Sophy derramara «acidentalmente» chá quente no colete de um cavaleiro que se aproximara de mais. Um outro seguira-a até uma antecâmara e tropeçara em algo, aterrando de cara no chão. Um terceiro fora atrás dela por um corredor até uma sala, e saíra a coxear passados momentos.

Atento às suas aventuras, Longmore não só não localizara Adderley como perdera de vista a irmã que supostamente devia proteger de patifes e falidos. Tal não seria um problema, se Sophy a estivesse a observar de